

O BANCO DA AMAZÔNIA E O FINANCIAMENTO DA FRUTICULTURA REGIONAL

EDITORIAL

A fruticultura é um dos segmentos mais importantes do agronegócio brasileiro, respondendo por 25% do valor da produção agrícola nacional. O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de frutas frescas, porém com inexpressiva participação no mercado internacional, o que se configura como uma enorme potencialidade de inserção dada suas vantagens comparativas e competitivas, além, claro, da possibilidade de expansão do mercado interno, via aumento do consumo *per capita*, que ainda é muito baixo como veremos ao longo das análises deste Boletim. Na Amazônia, a fruticultura destaca-se pelos muitos casos de sucesso que se pode enumerar: o cacau, antes mesmo do imponente ciclo da borracha, já sinalizava para as muitas alternativas que poderíamos ter a partir do cultivo de fruteiras. Os anos de 1970 marcam o sucesso do mamão hawai e do melão como alternativas a crise na pipericultura. A partir de 1989, com a oferta de crédito pelo Fundo Constitucional, combinado com outros fatores, percebe-se um florescimento de novas oportunidades a exemplo da cultura do coco-da-baía que permitiu ao Estado do Pará passar de uma posição insignificante no *ranking* dos produtores nacionais para assumir o segundo lugar. A década de 90 foi assinalada por uma verdadeira revolução tecnológica que possibilitou a abertura do mercado nacional e mundial para o açaí e o cupuaçu. Esta edição do Contexto Amazônico brinda-nos com análises dos mercados internacional, nacional e regional da fruticultura, ao mesmo tempo em que apresenta as contribuições do Banco da Amazônia para o fortalecimento dessa atividade no âmbito regional. Essas considerações são oportunas para se estabelecer prioridades e desafios para as políticas e estratégias do Banco e de outros parceiros institucionais. Quem sabe assim possamos lembrar os anos 2000 como marco para criação de um amplo mercado para o bacuri e suas implicações positivas na agricultura familiar; a melhoria fitossanitária dos produtos da Região; a agregação de valor a essa cadeia produtiva; sem perder de vista a consolidação das conquistas já realizadas nessa seara.

1 CONJUNTURA DO MERCADO INTERNACIONAL E NACIONAL

A produção mundial de frutas é de aproximadamente 691 milhões de toneladas. O produto de maior destaque é a banana, com um total de 105,69 milhões de toneladas, seguida pela melancia, com 99,39 milhões de toneladas e pela uva, com 66,24 milhões de toneladas. Laranja, maçã e coco ocuparam a quarta, quinta e sexta colocações, respectivamente. O maior produtor é a China com 167 milhões de toneladas, 24,2% da produção mundial, seguido da Índia com 57,9 milhões de toneladas. O Brasil ocupa o terceiro lugar com uma produção anual de 40 milhões de toneladas o que corresponde a um PIB agrícola de US\$ 15 bilhões, sendo as cinco principais culturas a banana, laranja, abacaxi, coco-da-baía e melancia.

Por seu potencial de geração de emprego e renda, a fruticultura ocupa hoje posição estratégica na expansão do agronegócio brasileiro. Representa uma importante opção de desenvolvimento e diversificação no meio rural, principalmente para as pequenas propriedades familiares. A base agrícola da cadeia produtiva abrange cerca de 2,3 milhões de hectares e gera 5,6 milhões de empregos, ou seja, 27% do total da mão-de-obra agrícola ocupada no país (ABF, 2005). Para cada US\$ 10 mil investidos em fruticultura, há três empregos diretos permanentes e dois indiretos. Além disso, tem-se revelado uma atividade bastante rentável, tanto na produção de frutas *in natura* como processadas, mediante a produção de sucos e néctares.

O mercado internacional de frutas frescas apresenta-se como importante oportunidade de negócio. O crescimento acentuado das exportações mundiais nos últimos anos, na ordem de 19% ao ano, confirma essa tendência. Frutas como goiaba, carambola, açaí, acerola e pêsego tem exibido crescimento ainda maior, aproximadamente 33% ao ano.

O Brasil exporta 1,8% da produção de frutas *in natura*, ocupando o 20º lugar entre os países exportadores. O mercado interno é vigoroso e consome acima de 95% da produção total, entretanto o consumo *per capita* ainda é baixo, apenas 57 kg/ano, quando comparado a países como Espanha e Itália com consumo de 120 kg/ano e 114 kg/ano,

respectivamente. Em 2007, as exportações de frutas *in natura* foram de 919 mil toneladas, gerando divisas de US\$ 643 milhões, correspondendo a aumentos de 14,12%, no volume e 34,67%, no valor, relativo ao ano anterior. O abacaxi foi quem mais contribuiu para esse resultado com 142,8% no valor, e 62,06% no volume exportado. Esses números mostram que o país ainda não utiliza todo o potencial desse segmento, principalmente, em função das barreiras técnicas e administrativas impostas por países importadores (IBRAF, 2008).

As importações nacionais, por sua vez, atingiram o volume de 279 mil toneladas, em 2007, o que equivaleu a US\$ 213 milhões, aumentando 4,04% e 17,89%, respectivamente, em relação a 2006. As principais frutas importadas foram pêra (137 mil toneladas), maçã (68 mil toneladas), ameixa (24 mil toneladas), uva (15 mil toneladas),

pêssego (10 mil toneladas), kiwi (8 mil toneladas).

No segmento de frutas processadas o mercado vem crescendo a taxas de 14 a 15% a.a, nos últimos cinco anos. Em 2007, o Brasil exportou 2,3 milhões de toneladas, auferindo uma receita de US\$ 2,7 bilhões, representando aumentos de 17,61%, no volume, e 48,1%, no valor, em relação a 2006. O suco de laranja lidera as exportações de frutas processadas com US\$ 2,2 bilhões. No que tange às importações desse segmento, em 2007, o volume correspondeu a 68 mil toneladas, uma queda de 1,65% em relação ao ano anterior, esse resultado pode ter sido conseqüência da elevação dos preços no mercado internacional que mesmo com a redução do volume ainda cresceu 20,43%, chegando a US\$ 149 milhões. As frutas que lideram a pauta de importações brasileiras são uvas secas, avelãs, ameixas secas e nozes.

2 CONJUNTURA DO MERCADO REGIONAL

Na Amazônia, a fruticultura vem se expandindo, principalmente na última década, através de diversos produtos regionais que se destacam pelo sabor exótico e diferenciado. O açaí, cupuaçu, bacuri, taperebá e camu-camu são os principais exemplos. É a quarta principal atividade econômica da Região, depois do minério de ferro, da madeira e da pecuária. Do ponto de vista socioeconômico, entretanto, é a atividade que apresenta o maior potencial de distribuição de renda em fluxo regular ao longo de toda cadeia produtiva, envolvendo milhares de pequenos produtores, além das indústrias processadoras, sendo uma atividade intensiva em mão-de-obra.

Para a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o arranjo produtivo de frutas da Amazônia é um dos mais dinâmicos quanto às possibilidades de desenvolvimento na forma de sistemas agroflorestais sustentáveis uma vez que sua produção é estruturada em pequenas unidades produtivas. De acordo com informações do Sindicato das Indústrias de Frutas e Derivados do Estado do Pará (Sindfrutas), em 2007, cerca de dois milhões de toneladas da polpa do açaí foram produzidas no estado contra 1,5 milhão de toneladas, em 2006. Desse total, cerca de 25% da polpa destinou-se à exportação. A comercialização no mercado extra-regional foi de 60%, sendo o estado do Rio de Janeiro o maior comprador. O principal produtor dessa fruta é o Estado do Pará com 95%, seguido pelo Amapá.

Quanto ao cupuaçu, a importância econômica está relacionada, principalmente, pelos produtos derivados como polpa para sucos, sorvetes, geléias, doces, compotas, licores, e na forma de cupulate, um produto semelhante ao chocolate. Com o aumento da demanda, o cupuaçuzeiro passou por processo de transição do extrativismo para a forma cultivada, o que ocasionou aumento significativo da área plantada.

O bacuri, depois do açaí e cupuaçu, é a fruta

nativa que está surgindo como alternativa na conquista de novos mercados. O seu sabor e aroma perfumado vêm atraindo a atenção de alguns importadores, distribuidores e fruticultores. Quando adulta, a árvore do bacurizeiro produz 400 frutos/ano, em média, em alguns casos chega a dois mil frutos. Entretanto, o rendimento da polpa é baixo, entre 10% e 12% do peso total do fruto, o que é compensado pelo preço, R\$ 10,00 o quilo, atingindo R\$ 16,00 na entressafra o dobro da cotação do açaí e o triplo do cupuaçu com os quais a espécie compõe o ABC das frutas amazônicas (GLOBO RURAL, 2007). É válido ressaltar que o aumento da oferta ainda depende da domesticação da espécie, a partir da seleção de materiais e de sistemas de manejo, pois atualmente a oferta é essencialmente extrativa.

Além desses, outros produtos já conhecidos como a laranja, o abacaxi, a banana e o maracujá, passaram a ser produzidos em larga escala na Região e, particularmente, no estado do Pará que ocupa lugar de destaque no cenário nacional na produção de diversas frutíferas. Existem também inúmeros produtos que ainda não são contabilizados nas estatísticas oficiais, mas que possuem papel importante para a agricultura familiar da Região.

Dentre as principais fruteiras temporárias da Região Norte, o abacaxi se destacou, em 2006, participando com 25% do total nacional, os estados do Pará e Tocantins foram os de maior produção. O segundo maior destaque ficou com a melancia com 13,65% da produção nacional, sendo que o Estado do Tocantins lidera com 6,88%, seguido pelo Pará com 3,97% (IBGE, 2008). Quanto às frutas perenes, a banana e o coco-da-baía representaram 14% da produção cada, ficando o maracujá com uma parcela de 8,49%. O Estado do Pará é o maior produtor brasileiro de banana. No que diz respeito às frutas de origem extrativista, o açaí, a castanha-do-pará e o buriti são as que mais se destacaram com 91%, 98% e 67%, respectivamente.

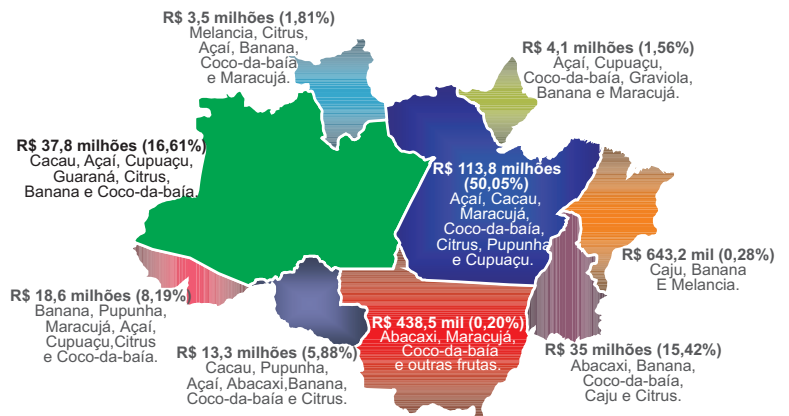
3 O APOIO DO BANCO DA AMAZÔNIA A FRUTICULTURA REGIONAL

A fruticultura tem sido uma atividade prioritária no âmbito das políticas de crédito do Banco da Amazônia. Nos últimos 18 anos os recursos investidos na atividade totalizaram R\$ 512 milhões, representando aproximadamente 18% de todo o crédito agrícola aplicado pelo Banco. Esses recursos foram fundamentais para mudar o cenário da produção de frutas na Região. Nesse período a área cultivada com espécies frutíferas na região cresceu 21,3% e hoje já supera a casa dos 520 mil hectares cultivados, sendo uma das atividades mais importantes do meio rural, sobretudo, para a agricultura familiar.

A intensidade dos investimentos na fruticultura regional tem sido maior nesses últimos oito anos. Entre 2000 e 2007, foram aplicados R\$ 227 milhões na implantação de projetos de fruticultura, ou seja, 44,3% do total dos últimos 18 anos. Isto corresponde a uma média de R\$ 32,4 milhões aplicados por ano. O estado que apresenta maior representatividade é o Pará, onde se aplicou R\$113,8 milhões, envolvendo, principalmente, as culturas do açaí, cacau, maracujá, coco-da-baía, citrus, pupunha e cupuaçu, conforme pode ser visualizado no Mapa 1.

No Amazonas foram aplicados R\$ 37,8 milhões (16,61% dos recursos), direcionados para o cacau, açaí, cupuaçu, guaraná, citrus, banana e coco-da-baía. Outro Estado que se destacou foi o Tocantins que no período analisado recebeu R\$ 35 milhões, o equivalente a 15,42% do valor aplicado na Região, distribuídos entre as culturas do abacaxi, banana, coco-da-baía, caju e citrus. No Acre, investiu-se R\$ 18,6 milhões, correspondendo a 8,19% do acumulado no período, as principais culturas apoiadas foram: cacau, pupunha, açaí, abacaxi, banana, coco-da-baía e citrus. Em Rondônia foram aplicados R\$ 13,3 milhões, o correspondente a 5,88% do total de recursos. As principais culturas incentivadas foram cacau, pupunha, açaí, abacaxi e banana, respectivamente. Os demais estados da Amazônia Legal somaram R\$ 8,7 milhões, 3,86% do total no período.

Como se observa, além das frutas regionais, a Amazônia Legal também se destaca na produção de frutas tradicionalmente comercializadas no resto do Brasil, sendo que o crédito é um dos principais estímulos para esse setor. Entretanto, a produção ainda está aquém do potencial regional.



Mapa 1 Distribuição espacial dos recursos aplicados em fruticultura na Amazônia Legal, 2000-2007. Fonte: Banco da Amazônia, 2008.

No que se refere à evolução do crédito, observou-se uma tendência de crescimento das aplicações no período analisado. Em 2001, foram investidos R\$ 22,03 milhões, saltando para R\$ 34,61, em 2007, o que corresponde a um crescimento de 36,35% (Gráfico 1).

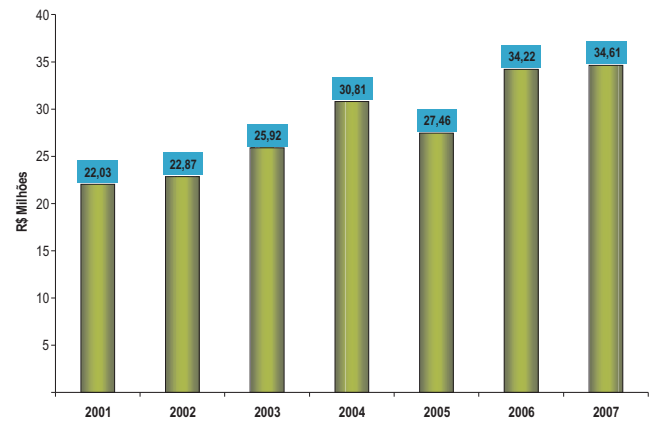


Gráfico 1 Evolução do crédito com fruticultura na Amazônia Legal, 2001-2007. Fonte: Banco da Amazônia, 2008.

Do total aplicado nos últimos oito anos (estoque de recursos R\$ 227 milhões), R\$ 49,314 milhões foram para o cultivo de cacau, que se destacou na primeira colocação dos investimentos na fruticultura (Gráfico 2). A segunda posição ficou com o açaí (R\$ 46,905 milhões). O abacaxi é a terceira frutífera mais beneficiada com o crédito na região, com R\$ 33,361 milhões entre 2001 e 2007. Na seqüência vem a banana com R\$ 19,063 milhões, o maracujá com um montante de R\$ 16,117 milhões, o coco-da-baía e a pupunha com R\$ 12,631 e R\$ 11,535 milhões, respectivamente.

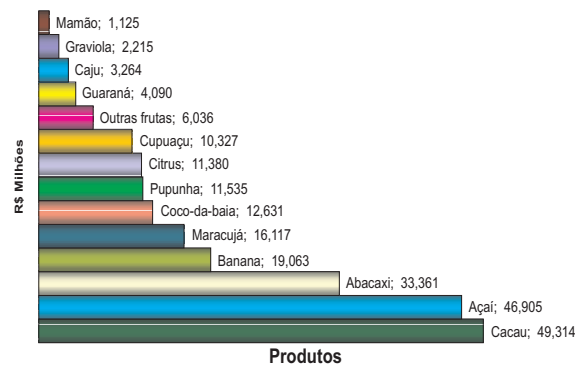


Gráfico 2 Distribuição dos recursos aplicados por tipo de produto, 2000-2007. Fonte: Banco da Amazônia, 2008.

Os citrus também ocuparam posição de destaque nesse período com R\$ 11,380 milhões. O cupuaçu recebeu recursos da ordem de R\$ 10,327 milhões. Essa fruta, originária da Amazônia, vem se constituindo em uma das principais opções de cultivo na região devido à sua aceitação nos mercados local, nacional e internacional. As demais frutas (mamão, graviola, caju, guaraná e outras frutas) somaram, no período, R\$ 16,730 milhões.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância socioeconômica da fruticultura para o país é inquestionável. O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de frutas *in natura* e possui amplas possibilidades de conquistar novos mercados no exterior. No caso particular da Amazônia a fruticultura representa uma alternativa sustentável para a geração de renda e ocupação de mão-de-obra, sobretudo na agricultura familiar.

Existem muitos desafios a superar. No campo da tecnologia é fundamental ampliar os investimentos em pesquisa para plantio e beneficiamento, pois muitas frutas dependem de oferta extrativa e o mercado exige a ampliação da produção em bases racionais e agregação de valor. Outras questões fundamentais referem-se à necessidade de maior capacitação e treinamento de produtores;

fortalecimento das empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e investimentos na difusão de tecnologia.

No campo das políticas de financiamento o Banco da Amazônia vem priorizando a atividade, destinando volumes significativos de recursos de crédito de fomento. Nos últimos 18 anos 18% de todo o crédito agrícola foi destinado à fruticultura (R\$ 512 milhões). É válido ressaltar que esse apoio não tem se restringido apenas a oferta de crédito. A fruticultura também vem merecendo atenção em outras iniciativas complementares ao crédito, pois muitos dos projetos apoiados na área de pesquisa, de apoio às instituições de ATER e de patrocínio de eventos e publicações também estão associados à cadeia produtiva da fruticultura.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DA FRUTICULTURA. 2005/Liana Rigon [et al.]. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2005.

BEZERRA, J. A. O futuro na beira do cais. **Globo Rural**, São Paulo, v.22, n. 256, p.38-51, fev. 2007.

CARVALHO, R. A.; HOMMA, A. K. O.; MENEZES, A. J. A. Extrativismo e plantio racional de cupuaçuzeiro no Sudeste Paraense: a transição inevitável. In: FRAZÃO, D. A. C.; HOMMA, A. K. O.; VIEGAS, I. J. M. **Contribuição ao desenvolvimento da fruticultura da Amazônia**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2006.

DANTAS, C.; MONTEIRO, M. Fruticultura: sim nós temos banana, limão, caju, manga, abacaxi, laranja, açaí, mamão... **Rumos: economia & desenvolvimento para os novos tempos**, Rio de Janeiro: ABDE. Ano 31, n. 232, p. 26-31, mar./abr. 2007.

FRAZÃO, D. A. C.; HOMMA, A. K. O. Fruticultura: uma alternativa sustentável para o agronegócio na Amazônia. In: FRAZÃO, D. A. C.; HOMMA, A. K. O.; VIEGAS, I. J. M. **Contribuição ao desenvolvimento da fruticultura da Amazônia**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2006.

HOMMA, A. K. O. et al. Açaí: novos desafios e tendências. **Amazônia: Ciência & Desenvolvimento**, Belém, v.1, n.2, p. 7-24. jan./jun. 2006.

HOMMA, A. K. O. et al. Manejando a planta e o homem: os bacurizeiros no nordeste paraense e da ilha de Marajó. **Amazônia: Ciência & Desenvolvimento**, Belém, v.2, n.4, p. 119-158. jan./jun. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FRUTAS. **Estatísticas**. Disponível em: <http://www.ibraf.org.br/>. Acesso em: 12 maio 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Agrícola Municipal**. 2008.

PEREIRA, B. Importação: quem ganha, quem perde. **Frutas e derivados**, São Paulo, v. 3 n. 9, p.17-24, mar. 2008.

PORTES, L. Agroindústria: pela qualidade das polpas. **Frutas e derivados**, São Paulo, v. 3 n. 9, p.26-29, mar. 2008.

SANTANA, A. C. et al. Retornos à escala e vantagem competitiva de custo das empresas de polpa de fruta no estado do Pará. **Amazônia: Ciência & Desenvolvimento**, Belém, v.2, n.4, p. 187-204. jan./jun. 2007.



BANCO DA AMAZÔNIA

A responsabilidade editorial do Boletim
Contexto Amazônico é da
(GEDER/COESE)

Elaboração do Texto

Maria Lúcia Bahia Lopes - GEDER/COESE
Marcos Antônio Souza dos Santos - GEDER/COESE

Comissão de Publicação

Coordenador: Oduval Lobato Neto
Editores Técnicos: Marcos Antônio Souza dos Santos
e Maria Lúcia Bahia Lopes
Supervisores: Oderle Milhomem Araújo e
Alcilene Costa de Souza

Editoração

Paulo do Carmo Pereira